



# Declaração de Kandy

DO 3º FÓRUM GLOBAL NYÉLÉNI, SRI  
LANKA | SETEMBRO DE 2025

**Somos povos** de diversas regiões, territórios, movimentos sociais, coletivos e organizações (de mais de 100 países e diferentes Povos Indígenas) reunidos em Kandy, Sri Lanka, para o 3º Fórum Global Nyéléni.

Juntas, tecemos nossas lutas em uma trama de convergência e construímos um movimento de movimentos para a transformação sistêmica.

**Somos** pessoas camponesas, agricultoras e trabalhadoras agrícolas sem terra, agricultoras familiares, pescadoras artesanais, povos pescadores e pessoas marisqueiras de rios, lagos, mangues e mares, pessoas pastoras itinerantes e nômades Indígenas, Povos Indígenas de comunidades do campo, costeiras e ribeirinhas, habitantes e povos da floresta, pessoas caçadoras e coletoras, afrodescendentes, ativistas e militantes anticastas e da justiça racial, ativistas e militantes feministas e pelos direitos das mulheres, jovens ativistas e militantes intergeracionais, pessoas de gêneros e sexualidades diversas, pessoas com deficiência, artistas, intérpretes e tradutoras, pessoas pobres urbanas, trabalhadoras do sistema alimentar e migrantes, de organizações sindicais, consumidoras, pessoas de movimentos de direitos humanos, sociais, econômicos e de justiça climática, pessoas defensoras da medicina social, da saúde coletiva e do direito à saúde para todes, participantes da economia social e solidária, pesquisadoras e ativistas acadêmicas, representantes da filantropia solidária e pessoas de outras organizações da sociedade civil. Com nossos diversos conhecimentos, convicções e ações, alimentamos o mundo, nutrimos e sustentamos a vida, defendemos nossos territórios e a Mãe Terra, garantindo a saúde de todos os seres vivos.

**Nos últimos três anos**, por meio de processos coletivos nos nossos territórios, organizamos assembleias e encontros das nossas comunidades e dos diferentes grupos que nos constituem, para aprofundar a nossa análise das sociedades contemporâneas das quais fazemos parte e identificar claramente os obstáculos estruturais que nos negam a justiça e a dignidade. Essas consultas (que continuaram durante o 3º Fórum Nyéléni em Kandy) formaram a base de uma Agenda de Ação Política Comum, que tira a sua força da convergência de nossas lutas e que tem o poder e o potencial de provocar uma transformação sistêmica em nossas sociedades. A Declaração de Kandy, elaborada a seguir, está enraizada nos entendimentos coletivos desenvolvidos através da criação dessa Agenda de Ação Política Comum.

**Começamos por** recordar que, ao longo das gerações, com coragem e perseverança, nutrimos economias de cuidado, cooperação e solidariedade, centradas no bem viver e na dignidade. Reivindicamos terras, águas e territórios por meio das lutas dos povos, construímos territórios agroecológicos e defendemos o Direito à Alimentação e à Nutrição, os serviços públicos e o acesso universal aos sistemas públicos de saúde, baseados na atenção primária integral à saúde e nos nossos bens comuns. Avançamos muitos passos nas nossas batalhas contra o patriarcado, a misoginia, o castismo, o racismo, a exploração das pessoas trabalhadoras, a destruição dos nossos territórios, a privatização, a financeirização, a comercialização, a automação, o comércio capitalista e o poder corporativo.

No entanto, ainda temos muitas lutas pela frente.

### **1. Entendendo as crises que enfrentamos**

O capitalismo e o imperialismo estão vasculhando todos os cantos da Mãe Terra e da natureza, convertendo nossos ecossistemas, biodiversidade e bens comuns em mercadorias a serem consumidas e descartadas, enquanto devastam nossas comunidades e povos. Estamos enfrentando múltiplas crises relacionadas à alimentação, saúde, clima e biodiversidade.

As operações empresariais de mineração, monocultura e extrativismo, promovidas por instituições como o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional (FMI), outras Instituições Financeiras Internacionais (IFI) e a Organização Mundial do Comércio (OMC), estão se expandindo com o apoio de governos cúmplices. Novas fronteiras coloniais, incluindo economias e regimes neoliberais verdes e azuis, e a crescente financeirização dos nossos territórios, estão alimentando uma nova onda de extrativismo e acaparamento dos recursos de terras, oceanos e terras raras. Por conta disso, comunidades têm sido removidas em áreas rurais e urbanas, enquanto se intensifica a exploração e a poluição.

O modelo agroindustrial mina sistematicamente o Direito à Alimentação e à saúde por meio de monoculturas, aquicultura industrial, poluição, os chamados “alimentos azuis”, transgênicos (organismos geneticamente modificados ou editados), agrotóxicos, fertilizantes químicos e operações de engorda de animais através de confinamento (CAFO, sigla em inglês), dependentes do uso massivo de antibióticos e antivirais. O crescente consumo de produtos ultraprocessados está alimentando uma pandemia global de doenças não transmissíveis.

À medida que as tecnologias corporativas avançam a uma velocidade sem precedentes, novas formas de opressão, ocupação e controle surgem em forma de modificação genética, digitalização, comercialização e financeirização, afetando todos os aspectos de nossas vidas cotidianas. A pressão pelo aumento de ferramentas de inteligência artificial mais rápidas e poderosas fornece novos instrumentos para as ameaças e problemas persistentes do colonialismo.

Enquanto isso, guerras, genocídios e conflitos armados se intensificam impunemente em muitas regiões e continentes, alimentando a brutalidade e a violência, marcadas pelo uso de armas proibidas, fome, estupro e destruição de sistemas de saúde, ao mesmo tempo em que contaminam o meio ambiente. Nossos territórios estão sendo usados como campos de testes para grandes empresas militares e tecnológicas transnacionais.

Conservadorismo, fascismo, ideologia de extrema-direita, racismo, castismo, classismo, xenofobia, misoginia, LGBTQIA+-fobia, discriminação contra pessoas trabalhadoras, negras, muçulmanas, árabes, Indígenas, além de militarismo e negacionismo climático, estão em ascensão. Todos são apoiados pela grande mídia e alguns meios de comunicação estatais, que espalham desinformação, construindo falsas narrativas, sequestrando e se apropriando da linguagem progressista para impulsionar a privatização, a desregulamentação, a intolerância e várias formas de supremacia, discriminação e violência. O ódio às minorias e a xenofobia contra pessoas migrantes visam nos dividir e governar, transformando a riqueza de nossas diversas culturas, corpos, idiomas e crenças em ferramentas para a rejeição, deportação, discriminação, opressão e exploração.

À medida que a desigualdade e a injustiça se aprofundam, muitos de nós sofrem exploração em vários setores, de salários de pobreza a condições precárias e violações sistêmicas dos seus direitos, enquanto outros lutam para garantir o emprego. Afirmamos os direitos das pessoas trabalhadoras, incluindo migrantes e as que são particularmente vulneráveis, cujo trabalho cuida de nossas sociedades, mas que sofrem com baixos salários, moradias inseguras, ameaças de deportação e outras injustiças sistêmicas.

O sistema capitalista está enraizado no individualismo, no consumismo e na acumulação de riqueza. Ele é construído sobre estruturas sociais profundamente discriminatórias e hierárquicas, baseadas na misoginia, capacitismo, patriarcado, sexismo, heteronormatividade, casta, classe, colonialismo e racismo, e cria múltiplas camadas de opressão e exploração que afetam os povos e a natureza de maneiras profundamente violentas. Uma crise sistêmica dessa magnitude, que afeta a todos nós, torna urgente e imperativa uma resposta global unificada.

## **2. Nossas histórias compartilhadas inspiram nossas ações coletivas**

Nas últimas décadas, renovamos nosso espírito de luta e solidariedade, através de milhares de luzes de resistência e transformação em todo o mundo. De nossos territórios locais a espaços internacionais, resistimos às forças divisórias dos inúmeros sistemas de opressão que enfrentamos.

Continuamos a derrubar os muros de casta, classe, raça, fundamentalismo religioso e normas de gênero e sexuais que nos dividem. Nossa luta é centrada no reconhecimento do trabalho das mulheres, reorganização dos cuidados, redistribuição da riqueza, justiça interseccional e abolição da violência de gênero e sexual.

Inspiramo-nos em nossos legados de resistência: os Fóruns Nyéléni no Mali (2007 e 2015), o movimento Aragalaya no Sri Lanka, os protestos de pessoas agricultoras na Índia e as muitas diferentes lutas dos povos para se libertar da fome, do empobrecimento, da guerra e da ocupação.

Essas lutas nos ensinam a necessidade urgente de convergência entre nós para efetuar uma profunda transformação sistêmica, que desmantele as diferentes estruturas de opressão.

O 3º Fórum Global Nyéléni em Kandy é, portanto, um passo necessário para expandir e fortalecer nossas alianças e lutas coletivas por emancipação, justiça, autonomia e pelo Direito à Autodeterminação. Ao homenagearmos as pessoas que nos foram levadas por conflitos, pela criminalização e pela pandemia, assim como aquelas que ainda são perseguidas por defender os direitos e territórios dos povos, afirmamos que sua coragem inspira nosso compromisso com a solidariedade internacionalista e a mudança impulsionada pelos povos.

Através da música, poesia, dança e expressão cultural, levamos adiante nossas histórias. Guiades por princípios do feminismo popular, estamos construindo coletivamente um mundo enraizado na dignidade, igualdade, direitos e soberania dos povos, justiça, liberdade, paz e soberania alimentar.

Nossos caminhos de resistência e transformação convergirão através dos níveis local, nacional e internacional.

#### **Fortalecendo nossas lutas**

Construiremos e defenderemos a democracia e os direitos dos povos, a paz e a solidariedade internacionalista. Continuaremos a promover economias populares e feministas, centradas na vida e na soberania alimentar.

Dos rios e lagos, passando por nossos campos até os mangues e o mar, com base na agroecologia, na aquaecologia e nos conhecimentos ancestrais dos nossos povos, lutaremos pelo acesso universal a alimentos saudáveis e culturalmente apropriados, produzidos com métodos ecologicamente corretos e sustentáveis para todas as pessoas.

Defenderemos nossos corpos, terras, sementes, espécies, recursos hídricos, territórios, ecossistemas e todos os sistemas de saúde pública, tradicional e intercultural. Estes são nossos bens comuns, que protegeremos e reivindicaremos por meio de lutas e modelos de governança feministas transformadores.

Reunimos conhecimentos e modos de ser Indígenas e feministas no mundo, atuando em coletivos diversos que não mudam apenas quem é líder, mas mudam o que é liderança.

Terra, água, sementes, florestas e conhecimentos pertencem às pessoas que cuidam deles, não a grandes empresas, estados ou algoritmos. Defendemos os direitos coletivos, consuetudinários e tradicionais à terra. Reivindicamos os direitos dos Povos Indígenas às suas terras e territórios ancestrais. Pedimos a devolução de terras para as comunidades Indígenas e as populações guardiãs tradicionais deslocadas.

A dívida externa soberana e o endividamento doméstico entre as classes trabalhadoras rurais e urbanas dispararam em todo o mundo. As repercussões prejudicaram gravemente o acesso das pessoas à educação, saúde, alimentação, moradia e uma ampla gama de bens e serviços básicos que devem fazer parte do domínio público e ser acessíveis a todas as pessoas, especialmente às populações vulneráveis. Em todos os países e territórios, resistiremos às cadeias financeiras que nos aprisionam em dívidas enfraquecedoras e construiremos economias sociais e solidárias, além das fronteiras, para reaver a vida e a dignidade, nos libertando da dívida. Redistribuiremos recursos, poder e cuidado, insistindo em reparações para as comunidades que foram colonizadas e despojadas de suas terras e meios de vida.

Continuaremos nossas lutas pela liberdade e por reparações, pela educação, pelo emprego digno, pelos direitos das pessoas trabalhadoras à organização e à greve, pelo Direito à Alimentação adequada e saudável (incluindo o direito à amamentação), pelo direito à saúde universal, por economias sociais e solidárias, além de pela justiça climática. Implementaremos uma transição energética justa e feminista, que garanta a justiça energética para todos os povos, torne a energia um bem comum para todes, permita a propriedade e o controle das pessoas sobre seus recursos energéticos e promova energias renováveis geridas pelas comunidades.

Reconhecemos que as empresas transnacionais e as potências imperiais que permitem o genocídio na Palestina e os crimes contra a humanidade na República Democrática do Congo (RDC), Afeganistão, Sudão, Mianmar, além de outras regiões, são as mesmas forças responsáveis por oprimir o povo de Cuba durante décadas e colocar nossas comunidades e povos na linha de frente de crises sociais, econômicas e climáticas. Vamos intensificar nossas agitações contra essas forças imperiais.

Nossa solidariedade internacionalista exige uma oposição categórica ao genocídio em curso na Palestina, que destrói terras, vidas e recursos. Portanto, expressamos nosso apoio ao movimento de Boicote, Desinvestimento e Sanções (BDS) e à responsabilização do sionismo e de quem é cúmplice do genocídio, que o alimenta e que se beneficia dele.

#### **Reivindicando o sistema multilateral**

Defenderemos e lutaremos para transformar o sistema multilateral da Organização das Nações Unidas (ONU) para que sirva ao povo, não às grandes empresas. Este sistema deve refletir as vozes e necessidades das comunidades, pessoas trabalhadoras, camponesas, Povos Indígenas e de quem luta por justiça (não os interesses de governos poderosos ou empresas transnacionais).

A esse respeito, empenhamo-nos em garantir que os instrumentos da ONU (moldados ao longo de décadas por nossas lutas, ativismo, militância e engajamento) sejam devidamente implementados. Exigimos poder real para os movimentos sociais nas tomadas de decisões globais e proteção total do nosso direito de resistir à opressão, bem como medidas fortes para impedir a captura corporativa de instituições globais, como a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) e a Organização Mundial da Saúde (OMS). Apoiaremos o Comitê de Segurança Alimentar da ONU (CSA), como seu espaço político que, até agora, melhor garante a participação significativa de nossos povos nas decisões de governança alimentar e no desenvolvimento de políticas agrícolas. Buscaremos defendê-lo contra a intrusão de interesses empresariais e confrontos geopolíticos.

Exigimos a plena implementação da Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas (UNDRIP, sigla em inglês) e da Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Camponeses e Outras Pessoas que Trabalham em Áreas Rurais (UNDROP, sigla em inglês). A FAO deve cumprir seu compromisso de alterar o Código Internacional de Conduta para a Gestão de Pesticidas, visando incluir os direitos coletivos dos Povos Indígenas, especialmente seu direito ao consentimento livre, prévio e informado. Pedimos que a ONU separe e não confunda, em todos os seus documentos e decisões, os conceitos de Povos Indígenas e de comunidades locais.

Apoiamos os movimentos que se opõem e impedem a União Internacional para a Proteção das Obtenções Vegetais (UPOV), tendo em vista proteger a soberania das pessoas camponesas e dos Povos Indígenas sobre as sementes, assim como seus sistemas tradicionais de conhecimento. Lutaremos para acabar com a biopirataria digital nos níveis nacional e global e continuaremos nossas agitações contra ela dentro do Tratado Internacional sobre Recursos Fitogenéticos para a Alimentação e Agricultura (TIRFAA) e da Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB).

Fornecemos nosso apoio para que as Diretrizes Voluntárias da ONU para Garantir a Pesca de Pequena Escala Sustentável (PPE) se tornem juridicamente vinculantes e que o dia 5 de novembro seja oficialmente reconhecido como o Dia Mundial das Mulheres Pescadoras. Incitamos a OMS a reconhecer a soberania alimentar e a agroecologia, a garantir sua independência da influência empresarial e filantrópica e a criar espaço para a participação popular. Reconhecemos os direitos das pessoas pastoras como guardiãs e defensoras dos bens comuns e da flora e fauna selvagens. Apoiaremos o Encontro Global das Pessoas Pastoras durante o Ano Internacional das Pastagens e das Pessoas Pastoras da ONU (2026), afirmando seus direitos.

Há mais de uma década, negociamos determinadamente (e continuaremos a fazê-lo) um tratado juridicamente vinculante para responsabilizar as empresas transnacionais por violações de direitos humanos e para suprir as lacunas dos sistemas de justiça existentes, que criaram uma arquitetura de impunidade.

Resistiremos aos lobbies empresariais que tentam bloquear a demanda de sujeitar as empresas transnacionais às leis de direitos humanos e fornecer às comunidades afetadas acesso à justiça. Apoiamos firmemente as exigências por um forte Tratado Global de Plásticos para acabar com a poluição plástica e a biopirataria digital. Fazemos um apelo pela plena implementação da Declaração de Durban e o fim de todas as formas de discriminação e intolerância racial. Além disso, exigimos ações concretas sobre a violência de gênero e sexual, por meio do uso da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres (CEDAW, sigla em inglês) e das Diretrizes Voluntárias do CSA sobre Igualdade de Gênero e Empoderamento de Mulheres e Meninas.

### **3. Nossos compromissos coletivos para a transformação sistêmica**

Concordamos com os seguintes compromissos coletivos para fortalecer nossa solidariedade, aprofundar nossas lutas e promover a transformação sistêmica em nossas terras, territórios e movimentos por meio da comunicação feminista e popular.

Realizaremos mobilizações e ações solidárias, incluindo o Dia Mundial de Mobilização contra o Imperialismo, Guerras, Conflitos e Genocídios e de resistência ao uso da fome e destruição dos sistemas de saúde como armas de guerra.

Desenvolveremos ações coletivas contra o fascismo, o conservadorismo e todas as formas de opressão e discriminação, incluindo as que são baseadas na casta.

Organizaremos um Dia de Nyéléni anual, que reunirá movimentos para ampliar, aprofundar e fortalecer o processo Nyéléni.

Em eventos globais, como a Cúpula dos Povos de Belém rumo à COP 30, a Conferência Internacional sobre Reforma Agrária e Desenvolvimento Rural (CIRADR +20) e o Fórum Social Mundial dos Movimentos Sociais, entre outros, organizaremos assembleias de movimentos sociais, Povos Indígenas e afrodescendentes, garantindo que a agenda Nyéléni seja integrada a esses e outros processos políticos.

Comprometemo-nos a organizar uma greve geral para destacar o trabalho de cuidado e sua centralidade em nossas sociedades. Nossa greve será um chamado conjunto a defender os direitos das pessoas cuidadoras (especialmente as informais e não remuneradas) e a desafiar o sistema patriarcal e capitalista, que as invisibilizou sistematicamente no âmbito dos direitos trabalhistas.

Fortaleceremos nossos movimentos, estabelecendo processos de formação política por meio de plataformas e escolas. Com base em nossa Agenda de Ação Política Comum (AAPC), essas escolas de formação abrangerão temas como feminismo popular, antirracismo (incluindo contra pessoas negras, muçulmanas, árabes e outras), anticastismo, diversidade de gênero e sexual, cuidados, economias feministas e solidárias, conhecimentos e direitos dos Povos Indígenas, soberania alimentar e agroecologia para a transformação sistêmica. Esses esforços educacionais priorizarão o empoderamento de jovens, incorporando suas preocupações e ideias aos espaços decisórios, garantindo a transferência de conhecimento intergeracional e promovendo a inclusão de todos os gêneros e diversidades.

Para isso, é fundamental a construção de nossas próprias narrativas, por meio do fortalecimento da comunicação feminista popular e das redes de comunicação entre pessoas (tanto digitais quanto não digitais), visando a solidariedade internacionalista e o apoio aos povos e movimentos sociais em seus territórios.

Continuaremos e aprofundaremos os diálogos entre toda a diversidade Nyéléni e os movimentos sindicais, com base nas conexões entre soberania alimentar, saúde popular, economia solidária e feminista, transição justa, justiça ambiental e soberania popular.

Comprometemo-nos a construir lutas coletivas pela transformação radical do sistema multilateral e da Organização das Nações Unidas, afastando-os do controle corporativo sobre a governança global.

Prosseguiremos os diálogos de movimentos sociais e Povos Indígenas com pessoas pesquisadoras, com a filantropia solidária e com outros movimentos sociais.

#### **4. Processos, ações e campanhas que nos comprometemos a apoiar**

Comprometemo-nos a apoiar coletivamente campanhas e ações que garantam a soberania alimentar, da saúde e da economia. O ponto central de nossos esforços é resistir aos monopólios empresariais sobre recursos vitais (terra, água, sementes, animais, materiais genéticos e territórios) e se opor à mercantilização da vida em todas as suas formas. Nossas ações se concentrarão na reivindicação de territórios, no avanço da reforma agrária popular, inclusiva e integral, assim como na defesa dos bens comuns da exploração industrial. Isso inclui cessar a aquicultura e a pesca industriais, a economia azul, a privatização dos oceanos, assim como a agricultura e a pecuária industriais. Fortaleceremos os direitos e movimentos pastoris em todo o mundo, unidos no enfrentamento da impunidade e do poder das empresas transnacionais e de outras entidades exploradoras.

Globalmente, participaremos de ações visando acabar e prevenir a fome, assim como impedir o uso da destruição de alimentos e infraestruturas de saúde como armas de guerra. Vamos nos manifestar contra a exclusão e o assédio de pessoas migrantes e refugiadas, lutando para defender seus direitos e amplificar suas vozes.

Construiremos alternativas a partir de baixo, em sintonia com nossas realidades, criando economias solidárias e sistemas de saúde dos povos. Continuaremos combatendo a privatização e a comercialização dos sistemas de saúde e defendendo a proteção social, incluindo as medicinas ancestrais. Fomentaremos a pressão popular e participaremos de negociações globais para estabelecer uma estrutura internacional de comércio baseada na soberania alimentar e para promover relações comerciais mutuamente benéficas e transformadoras em níveis local e global.

As campanhas sobre a soberania alimentar, da saúde e da economia não são possíveis sem o controle dos recursos financeiros e o cancelamento das dívidas. Portanto, é imperativo apoiar os esforços para transformar a arquitetura global da dívida, reconhecendo a necessidade de convergir com movimentos antidívida para visibilizar as preocupações populares.

Comprometemo-nos a trazer a agenda Nyéléni, nossos valores, princípios, estratégias e campanhas para os processos políticos em todos os níveis, do local ao internacional, visando impulsionar nossa solidariedade. Nosso compromisso se estende ao combate a todas as formas de discriminação baseadas em casta, raça, etnia, gênero e diversidade sexual, religião e fé. Em todas as nossas ações, a inclusão de jovens é essencial. Garantiremos que as vozes das pessoas jovens sejam representadas nos espaços de tomada de decisão, promoveremos o empreendedorismo de base, facilitaremos a transferência intergeracional de conhecimentos e práticas ancestrais e construiremos lideranças juvenis por meio da educação popular, baseada em valores feministas, antirracistas, anticasta e decoloniais.

#### **5. Aos povos do mundo**

A Declaração de Kandy resume nossa sabedoria e reflexões coletivas. No Sri Lanka, decidimos lutar em unidade, comunicando em dezoito idiomas. Uma conquista extraordinária possibilitada por nossa dedicada equipe de interpretação e tradução, a quem oferecemos nossa sincera gratidão.

Esta Declaração é a nossa lanterna, que ilumina o caminho à frente ao enfrentarmos o capitalismo, o imperialismo e as múltiplas crises interligadas e em cascata. Seus parágrafos capturam os compromissos que assumimos para continuar a jornada em direção à transformação sistêmica. Este é o nosso chamado coletivo à ação, para dismantelar os sistemas de morte impostos aos nossos povos. Estamos convergindo para construir um sistema enraizado na paz, dignidade e vida, para toda a humanidade, para todos os seres, para nossas futuras gerações e para nossa Mãe Terra.

Este é um apelo à unidade entre os povos, movimentos sociais e organizações da sociedade civil.

Em todas as diversidades que representamos, para fortalecer nossas lutas, estamos levantando nossas vozes juntas, declarando:

**Transformação sistêmica, agora e sempre!**

**Estamos juntas nessa.**



[nyeleniglobalforum.org](https://nyeleniglobalforum.org)

[communications@foodsovereignty.org](mailto:communications@foodsovereignty.org)

[Nyéléni Global Forum](https://www.facebook.com/NyeleniGlobalForum) [@nyeleniforum](https://www.instagram.com/nyeleniforum)

[@NyeleniGlobalForum](https://www.youtube.com/@NyeleniGlobalForum) [@NyeleniForum](https://twitter.com/NyeleniForum)